

Maria Carrilho

A sua vida esteve cheia de causas grandes. Mas Maria Carrilho (1943-2022) conhecia a grandeza das coisas pequenas.

Nuno Severiano Teixeira | Público | 9 de Fevereiro de 2022

Maria Carrilho partiu. Com a beleza tranquila e a inteligência serena com que sempre viveu. Mulher, socióloga, democrata e europeísta. [Teve uma vida cheia](#). Lutou pela democracia, pelo ideal europeu e pela igualdade de género. E, pelo caminho, ainda teve tempo para fundar a sociologia militar em Portugal. Mas sobretudo, amou a arte e a vida.

Nasceu em Beja, em 1943. Cedo lhe desagradou a pequenez autoritária do Estado Novo e a guerra colonial. Exilou-se voluntariamente. Em Roma, licenciou-se com nota máxima e tornou-se socióloga. Queria compreender os movimentos de libertação africanos. *Sociologia della Negritudine* (1974), o seu primeiro livro, é a resposta a essa pergunta: como é que um movimento cultural como a negritude se transforma num movimento político? Era o seu primeiro cruzamento entre o empenhamento político e o percurso intelectual que seria uma constante da sua vida.

Parte para Paris onde estuda na Escola Prática de Altos Estudos em Ciências Sociais e onde escreve um segundo livro, *Portogallo la via militare* (1975). Dizia-se que era uma bíblia para o turismo revolucionário que entre 74 e 75 rumava a Portugal para assistir em directo à terceira vaga da democratização. Mas foi muito mais do que isso. Foi a pré-história da sociologia militar portuguesa.

Regressa a Portugal em 1975 com a vontade de ela própria construir a sua parte da democracia portuguesa. Na academia e na política. Fez uma carreira académica no ISCTE, brilhante e meteórica: doutoramento em 1984; agregação em 1991 e logo a cátedra em 1992. A sua tese de doutoramento publicada sob o título *Forças Armadas e Mudança Política em Portugal no Século XX* (1985) é a obra seminal da sociologia militar e abriu o campo a novas linhas de pensamento que ela própria desenvolveu e deixou aos seus discípulos: uma sobre as relações civis-militares e a relação entre a democracia e as forças armadas - *Democracia, Defesa, Sociedade, Política e Forças Armadas em Portugal* (1994); outra sobre opinião pública, defesa e segurança - *Segurança e Defesa na Opinião Pública Portuguesa* (1995) e *Portugal no Contexto Internacional: opinião pública, defesa e segurança* (1998); e outra sobre as mulheres nas forças armadas - *Mulheres e Defesa Nacional* (1992).

Foi pioneira em muitas coisas, mas foi pioneira, antes de tudo, ao abrir às mulheres um campo até então reservado aos homens: o da coisa militar. Como não gostara do Estado Novo, também não gostou do cavaquismo. Entusiasmou-se com Guterres e entrou na política activa. Militou, integrou o secretariado nacional do PS, foi deputada (1995-99) e secretária da Mesa da Assembleia da República. Com a discrição que caracterizava

nunca se queixou, mas sabíamos que se impacientava. A burocracia nunca foi a sua paixão.

Em 1999 rumou a Bruxelas. No Parlamento Europeu (1999-2004) empenhou-se nas comissões de segurança e defesa, cooperação e desenvolvimento e relações internacionais. Pôde, enfim, exercer o seu ideal europeu. E uma vez mais a experiência política iluminou o percurso intelectual e vice-versa.

Regressada a Portugal entregou-se ao estudo das relações transatlânticas. O resultado foi o livro monumental, *Parceiros Desiguais - a defesa nas relações Estados Unidos-Europa* (2021). Quando o apresentei, no ano passado, estava longe de pensar que fosse o último.

A Defesa, as Mulheres, a Democracia, a Europa. A sua vida esteve cheia de causas grandes. Mas Maria Carrilho conhecia a grandeza das coisas pequenas. Passeava o seu cão com o mesmo carinho com que regava o seu jardim e recebia os seus amigos. Cultivou a amizade. Foi sempre de bom conselho. Nas coisas da política como nas coisas do amor. E nunca faltava aos amigos. Cultivou a beleza. Amava o belo na arte e na vida. Gostava e sabia de arte contemporânea, das artes plásticas e da fotografia de que sempre se rodeou. Mas também do belo na sua vida. Ela própria foi modelo nos seus tempos de juventude em Itália e o fascínio pela moda nunca o perdeu. Era a elegância em pessoa. No porte e no trato. Cosmopolita, gostava de viajar. Mas de avião só, mesmo, se fosse preciso. Preferia longas viagens de comboio, a fruir os sons, as cores e os paladares de outras terras e as outras gentes. Foi sempre firme nas convicções e suave nas atitudes. A sua inteligência, beleza e suavidade não morrem. Ficam com todos os que se sentiram tocados pela sua vida. Até sempre, Maria!

<https://www.publico.pt/2022/02/09/opiniao/opiniao/maria-carrilho-1994733>